

Qual a primeira medida a ser adotada para tratar a questão de meio ambiente no Brasil de forma efetiva?

Acho que não se pode cuidar de meio ambiente sem conhecer todos os problemas que cada região do País apresenta. É um País grande demais para alguém ter a pretensão de fazer um programa de imediata e contínua utilização. Para mim o problema é múltiplo. Temos que fazer a reunião de todos os dados disponíveis — os melhores dados — relativos às questões principais e, ao mesmo tempo, fazer as propostas mais corretas. É na hora das propostas que as coisas complicam.

Existem dados e pessoal para isso no Brasil?

Dados existem. Tem as imagens de satélite e muita gente já trabalhou de forma geral e a nível de certas áreas. Existem alguns bancos. Áreas que a gente conhece muito pouco em termos de problemas ambientais emergentes e também de qualidade de vida. Não posso dissociar meio ambiente da qualidade de vida e da saúde pública.

Quanto ao pessoal, estamos em fase de formação. Não temos pessoal de alto discernimento à vontade no Brasil. Mesmo porque eles não encontraram empregos na época devida. De qualquer maneira existem limitações sérias de pessoal, a nível de número, e, sobretudo, de qualidade. Estamos melhorando a qualidade sofridamente.

As diferenças são determinadas a partir de critérios geográficos, de forma de ocupação ou modo de vida, já que não dá para dissociar meio ambiente de qualidade de vida?

As diferenças se baseiam nas especificidades ecológicas de cada região e na tipologia em termos sócio-econômicos, em termos de infra-estrutura, em termos de problemas provocados pelo excesso de industrialização e em termos de atuações que redundam em poluição. No momento estou trabalhando com os problemas da garimpagem. Porque ela polui, porque ela é séria em relação ao índio e ao próprio garimpeiro. E não é séria em relação aos prepostos do garimpo que são os homens que enquadram os garimpeiros, que empurram os garimpeiros para as reservas indígenas. Tem um garimpo em Roraima, no alto do Iriquerua, que está em plena área dos índios Ianomamit. É um garimpo de beira rio. Eles fazem as grotas, as cavas, nos igarapés regionais, onde a água fica parada e começa um criadouro de mosquitos violentos em relação ao homem. Logo depois vem o mercúrio sobre as águas do igarapé, atinge o rio e o peixe. Mas pior do que isso, os mosquitos daqueles criadouros começam a picar os garimpeiros,

“ O problema ambiental no País exige soluções múltiplas ”

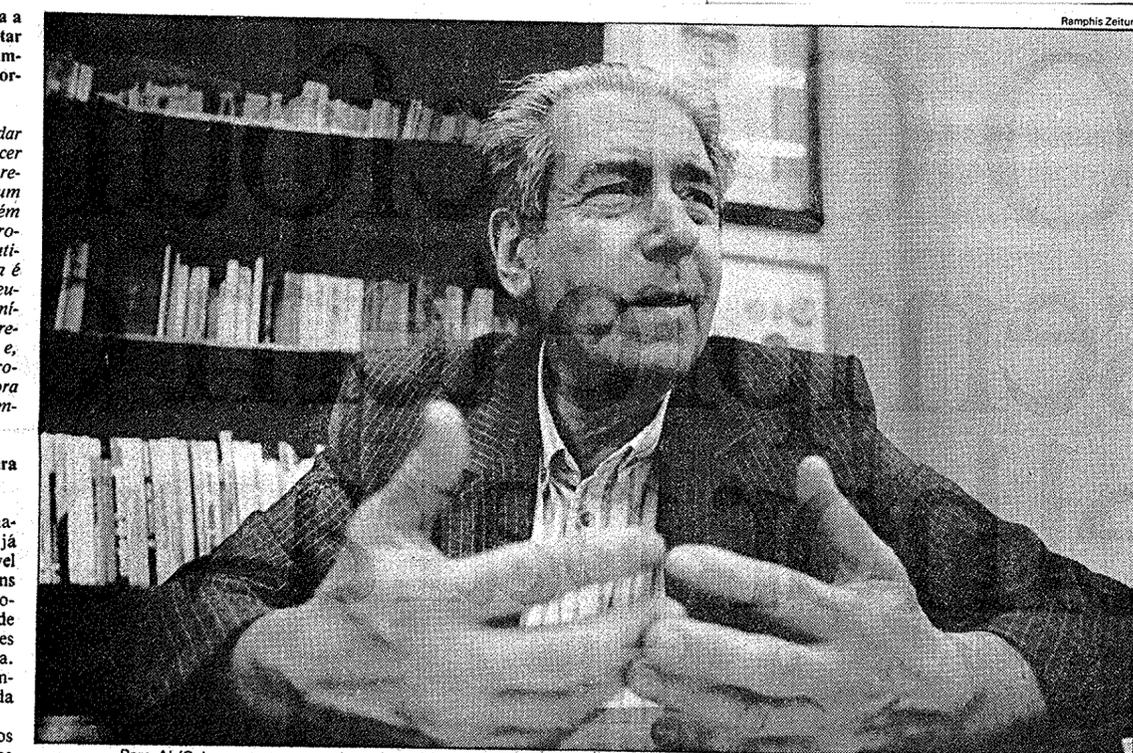
alguns doentes — com doenças crônicas — sobretudo a malária e lá se vai a malária para os outros garimpeiros e depois para os índios. Eu tinha dito isso em Manaus e agora os jornais estão dizendo que começam a descer índios com malária para Boa Vista. Não tem como cuidar da malária deles na região do garimpo porque tem um médico só para toda a região. Então veja: o garimpeiro não é culpado, o índio é o inocente útil do processo. Primeiro, porque não consegue reagir e alguns porque são seduzidos pelo “escambo moderno” que vem de Manaus. E com isso ficam em contato muito próximo e começa a expansão da malária.

A expansão da malária é uma consequência da expansão da garimpagem no Brasil?

O tecnocrata brasileiro faz assim: mostra um mapa e diz — Vamos mostrar que a malária está se expandindo em função do deslocamento das populações —, mas não diz como nem por que. Há uma certa correlação entre a malária e a garimpagem, e eu expliquei por que.

E isto desde que existe a malária no País?

De certa maneira, não por este processo de garimpagem, mas por outros processos, sempre foi



Para Ab'Saber, o tratamento do meio ambiente deve priorizar a qualidade de vida das populações, sobretudo as mais carentes

As propostas de Ab'Saber para a ocupação da Amazônia

O Seminário Internacional sobre Amazônia e a Ecologia trouxe a Campinas Aziz Ab'Saber, pesquisador da USP que trabalha há mais de 23 anos com a questão do meio ambiente no Brasil. Ab'Saber, hoje com 65 anos, conseguiu conhecer, ao longo destes anos, praticamente todo o território nacional, e tem uma postura com relação ao tratamento do meio ambiente que prioriza a melhoria da qualidade de vida das populações, sobretudo as pobres. O pesquisador lutou pela implantação de faculdades de Geografia no Brasil, ajudou a criar um arquivo de fotos aéreas para São Paulo e acha que a pesquisa ganhará muito se o acesso às imagens de satélite for democratizado. Nesta entrevista, Ab'Saber conta seus planos para ocupação da Amazônia, discute as questões do meio ambiente e faz uma análise das mudanças que poderão ocorrer com as eleições presidenciais.

LILIAN PRIMI

assim. Muito ajuntamento de pessoas, muita gente desesperada para trabalhar e sobreviver, e alguns doentes no meio.

E estes doentes, ou vetores, chegam aos grandes centros?

Aí é que entra o problema. Estou distinguindo um garimpo como o de Roraima, onde a dificuldade de infra-estrutura de apoio é muito grande. As pessoas dependem de seus prepostos, dos aviadores, dos presidentes de sindicatos etc. Tudo o que acontece no garimpo depende de Boa Vista, lá embaixo. Os aviões vão levando mercadorias, bebidas, alimentos, mercúrio e gente, mais gente, novos garimpeiros. E volta com garimpeiros doentes e ouro que têm uma conexão com o Uruguai. Porque grande parte do ouro produzido lá vai para a conexão Boa Vista-Manaus-Uruguai para clarificar. Ninguém pode sair vendendo ouro pessoalmente no exterior. Então eles legalizam lá fora o que é ilegal aqui dentro. Quem não conhece este processo fica imaginando para onde vai tudo aquilo, para quem produz etc. E o pior é que todo este sistema é ainda bom porque é o único que existe. O Governo nunca organizou o seu sistema. E no caso é muito simples. O garimpo está isolado e depende do sobrevivo. Mas, ao contrário, deixou abrir numerosas pistas clandestinas e a balbúrdia é total no trânsito de avião. Antes tinha só a pista da Funai. Agora tem 170 pistas. Isto às barbas do Governo, que não teve competência para organizar, numa região difícil, um sistema que fizesse um tampão entre a área do garimpo e a reserva indígena, a serviço da região, dos índios, do garimpeiro e do País.

Mas o questionamento maior quando se fala em garimpagem, principalmente com relação ao índio, é sobre o mercúrio.

Eu questiono tudo. Desde a organização do garimpo, empocamento da água, utilização do mercúrio etc.

Existe tecnologia para resolver tudo isto?

Tem. O Brasil formou gerações e gerações de geógrafos, que têm capacidade para reorientar os garimpeiros. Em Serra Pelada, depois de uma série de acontecimentos muito tristes, os garimpeiros fundaram um sindicato e contrataram um geógrafo só deles. Quando o Governo é que deveria ter uma equipe de geógrafos com um bom discernimento para fazer as coisas direito. Os garimpeiros são as melhores pessoas deste País. Só que são ingênuos e explosivos. Se alguém pedir que eles matem uma pessoa, um deles vai acabar aceitando. Mas ele pessoalmente é um homem de cultura popular à procura da aventura de achar ouro. Em Roraima um figurão tentou se aposar da área e foi barrado por eles.

Os garimpeiros são hoje a categoria mais forte do País?

Não, mas é a mais organizada pelo sistema que foi imposto a eles. Eles têm força de pressão em relação ao Governo porque se no meio da selva se provoca uma retirada em massa de garimpeiros gera uma comoção social grande. São 40 mil pessoas paupérrimas — quase um exército — alguns doentes, que, saindo do garimpo, não são nada. Eles se prepararam apenas para garimpar ouro rusticamente.

Quantos garimpeiros tem o Brasil?

Os líderes da garimpagem exageram no número. Calculam

para a Amazônia 700 mil garimpeiros, dos quais 60 mil só em Roraima. Eu acho que não chega a isso. Somando tudo, não chega a 300 mil. Mas 300 mil é um exército de pobreza que não se pode deixar de pensar no seu destino. Penso mais numa reorganização do garimpo a nível do sensato, do lógico, do que na eliminação de um dia para outro.

Qual o problema mais sério hoje no Brasil?

O mais sério é o entendimento das questões ambientais a nível regional. A Amazônia tem um quadro de questões ambientais, entre as quais figura a questão da qualidade de vida nos garimpos, da proteção aos seringueiros em termos de espaço e territorialidade. Depois chegam os de exploração do solo, sobretudo de mineração, que provocam danos ao longo dos cursos d'água. O garimpo é um dos maiores, mas não é exclusivo. Depois, o segundo grande nível de problema é a qualidade de vida da população. Quem estuda meio ambiente não separa mais o tipo de exploração, do problema de garantir uma melhoria de vida dentro do ambiente. Essa é, a meu ver, a questão mais séria. Existem cidades na Amazônia, com problemas sérios. Uma delas tinha 2,7 mil pessoas na beira do Juruá até 60, 70 anos atrás. Um dia ficou isolada do rio, próxima a um braço morto dele. A Petrobrás começou a operar e a cidade passou a ter 10 mil pessoas, das quais 7 mil pobres. O fato da Petrobrás estar atuando lá não resolve o problema da pobreza. A doença principal é parto. Depois malária, lepra etc. O esgoto do hospital cai no lago, onde as crianças brincam de jogar bola. E tudo isto é questão de meio ambiente, porque polui o lago e contamina o peixe que é o único alimento acessível para a população pobre. Tudo está, na Amazônia, envolvido no meio ambiente e na qualidade de vida em face das condições sócio-econômicas. Essa é a minha preocupação básica.

E o problema indígena?

Todos os agrupamentos indi-

genas existentes hoje estão ilhados pela ocupação fundiária que se praticou nos últimos anos na Amazônia. E a pressão é para tomar o resto das terras indígenas. Os que estão isolados precisam de espaço. O Governo e os ruralistas brasileiros não entendem isso, embora eles queiram sempre muita terra. Não falam mal daqueles que têm 1 milhão de hectares, e mais fazendas em São Paulo e

“ Os agrupamentos indígenas estão ilhados pela ocupação fundiária ”

ações de bancos etc, mas falam mal do índio, que precisa de espaço para se manter, e a seu grupo. Os igarapés são fundamentais para eles e o mercúrio está escorrendo dos garimpos em quase todas as bacias do Amazonas. Eles garantem sua alimentação pelo peixe, e depois, quando não podem pescar por causa da piracema, pela caça. Eles são os únicos que têm direito à caça no Brasil.

Neste contexto — dos índios, dos garimpeiros e da necessidade de produção — qual a forma de ocupar a Amazônia? Ou não se deve ocupá-la na sua opinião?

Em primeiro lugar, cada área tem seus problemas específicos. A área da Roraima tem os seus em termos de exploração do solo, do sub-solo, garimpagem, da sua rede urbana etc. Não dá para comparar a natureza da Roraima — que é muito variada. Tem os campos da Roraima, depois zona de mosaico, depois uma zona de campo-mata, depois tem a mata Amazônica de terra baixa e a mata amazônica de serranias — com Acre, que é baixo. Não dá para planejar nada sem conhecer cada célula. Face a essa diversidade e ao fato do Governo brasileiro ser composto de tecnocratas que têm uma pretensão incrível sobre planejamento — o projeto Carajás incluía 892 mil quilômetros quadrados de área, quatro vezes o Estado de São Paulo mais ou menos. Como é que um economista, por mais importante que ele seja, por mais discernimento que tenha e que nunca conheceu todo esse espaço, pode planejar. Planejam pontualmente, mas isto não resolve o espaço total na minha interpretação. Eu advogo a idéia de dividir os espaços para detalhá-los. E também para fazer estratégia de abordagem.

Como seria esta divisão na Amazônia?

Em células com menos de 250 mil quilômetros quadrados, abaixo do tamanho do Estado de São Paulo. E já acho muito, mas não tem outro jeito lá. Só de floresta continua tem 3,5 milhões de quilômetros quadrados, 18 vezes o Estado de São Paulo. São 23 cé-

“ O Governo não teve competência para organizar a região do garimpo ”

lulas, para cada uma tem a seguinte estratégia: Tudo aquilo que tem que ser preservado, se possível para todo o sempre, chamado de molde. Seriam as reservas indígenas, os parques nacionais, as estações ecológicas. O que resta, pode ser experimentado — este chamo de contra-molde — com tempo marcado. Se der certo agricultura, pecuária etc., é ampliado. Mas ampliação contida. Não acredito que uma geração possa mexer neste contra-molde no total. Temos que garantir a Amazônia para todas as gerações. Ai tem uma tabela para suprimir floresta, e com tempo definido para experimentação. Quanto maior a área, menor a área de supressão de florestas. Tem espaço suficiente para uma grande diversidade de experimentos. Ele pode até entrar um pouco na floresta com cacau sombreado. E no resto da floresta, os seringueiros que trabalham para ele. Existem muitas saídas para glebas grandes. Pode-se deixar 20% da área total para exploração madeireira, com rodízios de áreas de 20 em 20 anos, e registro destas áreas. A questão é de se colocar idéias viáveis, e estabelecer o controle municipal, estadual e federal. E o garimpo tem que ter um programa específico para cada caso.

Nem só de ambientalismo fala o pesquisador

Eleições

Todos os ambientalistas estão preocupados com algumas coisas dependendo da postura pessoal de cada candidato e que vão ocorrer políticas de meio ambiente. As posturas de alguns, de discursos desenvolvimentistas desenfreados, são piores do que o que está ocorrendo no governo Sarney.

Direita x Esquerda

Via de regra, a direita está pouco preocupada com o meio. Preocupa-nos a postura arrogante de alguns candidatos de direita, e o autoritarismo de outros. Não podemos ter confiança nos que chegam com programas prontos, como se isso fosse possível para um País deste tamanho. A postura mais séria é da esquerda, mas só será efetiva com os candidatos que são acessíveis à inteligência brasileira. Arrogantes existem nos dois lados.

Expansão fundiária

Existem enormes áreas no Acre que já foram vendidas e registradas em nome dos grandes fazendeiros. Agora querem que se façam estradas para chegar às terras legalizadas cartorialmente. Tem um anúncio na Raposo Tavares, perto da Granja Viana aqui em São Paulo, dizendo “legaliza-se terra em qualquer lugar do País”. São estes homens que enquadram as terras. Antes da estrada, já não é mais dos índios ou do Estado.

Governo

Apesar de ser um Governo incompetente, desacreditado como é no final, quase nos últimos instantes, ainda tem uma política de retenção do processo de predação, sobretudo na Amazônia. Conseguimos convencê-los de que o problema ecológico não é só ecológico, mas de sobrevivência dos recursos naturais renováveis e não-renováveis.